



DE GANA PARA O BRASIL: O DESEJO DE ENCONTRAR UMA GRAMA MAIS VERDE

Camila Borges dos Anjos*

Resumo: Neste artigo, analisaremos os reflexos do entremeio migratório materializado na fala de um dos imigrantes ganeses que mora na cidade de Tubarão – SC. O contato com o imigrante se deu a partir do Projeto de Extensão Acolhida ao Migrante, desenvolvido na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), que tem como proposta não só oportunizar a aprendizagem da Língua Portuguesa, mas também a inserção no espaço social. Buscamos, ao trazer o tema migração, tecer uma análise discursiva a partir dos aspectos linguísticos, identitários e culturais que constituem esses sujeitos. Para tanto, teremos como base a *Análise do Discurso de linha francesa*, de Michel Pêcheux, trazendo também as contribuições antropológicas de Bauman, Santos etc. para nosso estudo. O percurso metodológico desta pesquisa se dá a partir de alguns questionamentos realizados a um ganês que vive no Brasil – na cidade de Tubarão – há três anos, o que nos fez desenvolver uma análise a partir do que afirma sobre economia, numa relação entre seu país de origem e destino. A partir disso, buscamos identificar o posicionamento do imigrante em relação ao tema, e aí, diante de sua fala, perceber de que modo essa cultura do outro tem ou não interferido no modo como pensa, vê o mundo, se expressa. Dado o caráter dinâmico de cada cultura é que compreendemos que o sujeito imigrante, ao se deslocar para um novo lugar, passa por um processo de transformação, de ruptura. A cultura desempenha, assim, um papel fundamental na participação do sujeito imigrante no meio social.

Palavras-chave: Gana. Cultura. Migrações.

Abstract: In this article, we will analyze the reflexes of the migratory intersection materialized in the discourse of one of the Ghanaian immigrants who lives in Tubarão city - SC. The contact with the immigrant came from an extension project called "Acolhida ao Migrante", developed at the University of Southern of Santa Catarina (Unisul), which has as a proposal not only to promote the learning of Portuguese language, but also to insert the immigrants in the social space. It is intended, bringing the theme 'migration', to weave a discursive analysis from the linguistic, identity and cultural aspects that constitute these subjects. To do so, we will be based on French Discourse Analysis,

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, SC, Brasil.
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação
em Letras – UFRGS
E-mail: camila_anjoss@hotmail.com
DOI: 10.19177/memorare.v5e12018136-152



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

by Michel Pécheux, as well as the anthropological contributions of Bauman, Santos etc. to our studies. The methodological development of this research is based on some questions made to a Ghanaian who lives in Brazil - in Tubarão city – during three years, which made us develop an analysis from what he says about economics, in a relation between his country of origin and destination. From this, we seek to identify the position of immigrant in relation to the theme, and then perceive how this culture of the other has or has not interfered in the way he thinks, sees the world, expresses himself. Given the dynamic nature of each culture is that we understand that the immigrant subject, when moving to a new place, undergoes a process of transformation, of rupture. Culture, thus, plays a fundamental role in the participation of the immigrant subject in the social space.

Keywords: Gana. Culture. Migrations.

1. Introdução

Os movimentos migratórios acontecem desde épocas muito remotas, na era das Grandes Navegações, entre os séculos XV e XVI, quando povos de distintas nacionalidades passaram a atravessar os oceanos à procura da expansão de suas rotas marítimas, buscando a comercialização de seus produtos como forma de garantir seu monopólio. Nesse período, o Brasil foi colonizado por Portugal, e, ao longo dos anos, imigrantes advindos de outros países europeus (Espanha, Itália, Alemanha, etc.) também se estabeleceram no território. A partir de então, passaram a desenvolver sua economia, trabalhando principalmente com a mineração e em fazendas de café, o que permitiu sua permanência no país.

Passados todos esses anos em que a imigração representava, resumidamente, força de trabalho para ocupar o território nacional, o movimento de imigração em todo o território brasileiro ainda continua e tem se intensificado. Nos últimos anos, emigrantes, de diferentes origens – ganeses, senegaleses, angolanos, haitianos, sírios –, têm saído de seus países e se deslocado, entre outras regiões, para o Brasil, numa tentativa de fugir das guerras civis, dos conflitos políticos e das precárias condições econômicas.

Considerando que o Brasil é, atualmente, uma rota de destino de imigrantes – o que se deve principalmente à facilidade de acesso ao país –, e Santa Catarina um dos estados que mais recebem imigrantes, principalmente ganeses, vamos direcionar nosso



olhar para os processos migratórios que aqui acontecem, em especial na cidade de Tubarão/SC, que tem recebido dezenas de ganeses desde 2015. Pensando nesse fluxo que tem ocorrido, questionamos: O que tem impulsionado sua vinda? O Brasil tem dado a eles o retorno esperado? Nesse entremeio cultural, como viam e como veem agora nosso país? De que forma lidam com o pertencimento a este novo lugar? E que efeitos produzem?

Refletindo sobre essas questões e filiados à Análise do Discurso de linha francesa, de Michel Pêcheux, bem como aos pressupostos antropológicos de Bauman, Santos etc., queremos nos dedicar, neste artigo, a partir movimento migratório Gana-Brasil, especificamente no que tange ao sul de Santa Catarina – município de Tubarão, a analisar discursivamente os aspectos linguísticos e culturais que constituem esses sujeitos, que se encontram numa zona de entremeio.

Voltamos, então, nosso olhar ao Projeto de Extensão Acolhida ao Migrante, desenvolvido na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), com o objetivo não só de oportunizar ao migrante a aprendizagem da Língua Portuguesa, mas também inseri-lo no espaço social. A partir do projeto, passamos a ter um contato mais estreito com os imigrantes ganeses, o que possibilitou a realização desta pesquisa.

2. Projeto Acolhida ao Migrante

Devido ao intenso movimento de imigrantes para a região de Tubarão em 2014 e 2015, sentimos a necessidade de desenvolver um projeto que os atendesse, principalmente no que diz respeito ao conhecimento da Língua Portuguesa, de modo que pudessem se comunicar em suas relações sociais, tanto no dia a dia quanto no ambiente de trabalho.

Assim, em 2015, duas professoras de Língua Portuguesa, entre elas a autora do artigo, se mobilizaram para dar início ao ensino de Português para os imigrantes, recebendo o apoio do Cáritas, órgão da Igreja Católica que abriga uma série de imigrantes, concedendo-lhes um local para moradia. Nesse ano, então, deu-se início a um escopo do que viria a se tornar um projeto de extensão posteriormente.

Em 2016, nasce o *Projeto Acolhida ao Migrante: Diversidade, Responsabilidade e Inclusão* (Figura 1), sob coordenação da professora coordenadora

do curso de Relações Internacionais da Unisul, Carla Marinho Borba¹¹, com os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Auxiliar no processo de inserção social, cultural, laboral e produtiva dos migrantes internacionais residentes na região de Tubarão, Santa Catarina.

Objetivos Específicos:

- Instrumentalizar o migrante no uso da Língua Portuguesa como Língua de Acolhimento.

- Promover ações de integração social, cultural, artística e desportiva.

- Facilitar o acesso do migrante a informações de cunho social e jurídico.

- Oportunizar o acesso a atendimento de saúde básica e especializada.

- Promover o acesso a meios de geração de renda e emprego.

- Desenvolver estudos e pesquisas na área de migração e refúgio no contexto brasileiro.

- Aproximar as escolas, ONGs, órgãos públicos da região de Tubarão e a Universidade ao processo de acolhida ao migrante internacional a partir de uma ótica de compreensão da plataforma de Direitos Humanos no âmbito global e as relações étnico-culturais inerentes.

¹¹ É pesquisadora do Grupo de Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar - GIPART , coordenadora do Curso de Relações Internacionais da Unisul no Campus Tubarão e coordenadora do Projeto de Extensão Universitária Acolhida ao Migrante.

Figura 1 – Projeto Acolhida ao Migrante/Unisul



Fonte: Acolhida ao Migrante, 2016.

Dados os objetivos do projeto, inúmeras ações passaram a ser desenvolvidas desde então, de modo a contemplar as metas traçadas para o atendimento e acolhimento ao imigrante.

O projeto, em 2016, contava com, em média, quinze (15) imigrantes, residentes ou de passagem por Tubarão. Em 2017, embora o número de imigrantes atendidos tenha permanecido quase o mesmo, houve um crescente aumento do número de nacionalidades, o que se deveu à saída de muitos ganeses da cidade e à chegada de pessoas de outros países. Já em 2018, tem ocorrido o inverso, pois mais ganeses têm vindo para cá e, então, participado do projeto, enquanto outras nacionalidades não têm ganhado tanto destaque – uma vez que estavam no país por outras razões, não buscando, portanto, fixarem-se aqui.

O coração do programa Acolhida ao Migrante são as aulas de Língua Portuguesa, que acontecem duas vezes por semana desde 2015, com o objetivo de trabalhar com os imigrantes os aspectos linguísticos, sociais, culturais, a partir da fala, da escrita, do vocabulário, de momentos de interação, socialização e atos comunicativos. Com o passar dos anos, houve uma rotatividade de professores, que assumiram por um determinado período a sala de aula e que, atualmente, ainda fazem

parte do programa, mas não atuam ministrando a disciplina – estes contribuem de outras formas, seja no acompanhamento a uma entrevista de emprego; no auxílio para o preenchimento de um currículo; ou mobilizando pequenas campanhas para a arrecadação de dinheiro, a fim de contribuir para o pagamento de aluguel, para a compra de alimento, roupas, ou mesmo para um auxílio médico, odontológico.

A equipe do Acolhida conta com um número significativo de participantes, que juntos buscam, diariamente, acolher os imigrantes que se instalam em Tubarão, colocando em prática as inúmeras ações que são contempladas pelo projeto. Além das que citamos, há também outras atividades, a longo prazo, que são desenvolvidas no âmbito do Acolhida: promoção de jogos de futebol Gana-Brasil; atuação em roda de conversas em alguns cursos da universidade (Psicologia, História); integração junto ao curso de Moda, com confecção das vestimentas de Gana; produção dos pratos de Gana, no curso de Gastronomia; entre outras.

Explanamos até aqui as ações que desenvolvemos junto ao projeto Acolhida ao Migrante, de modo que pudéssemos tomar conhecimento, num primeiro momento, sobre como ele funciona e qual sua finalidade. Daqui em diante, conduziremos nossa pesquisa a partir da entrevista que realizamos com um cidadão ganês que está conosco desde o início do projeto, quando iniciamos neste percurso, em 2015, e, com isso, teceremos nossa análise agregando as noções teóricas que nos propusemos a trabalhar, nas perspectivas cultural e discursiva.

3. Discurso, cultura e migrações

A noção de cultura é muito abrangente, visto que se encontra atrelada a uma série de elementos, quais sejam: educação, conhecimento, ideias, crenças, realidade social, nação, tradições, modos de vida, lendas, diversidade, território, práticas artísticas, religiosas, médicas, linguísticas, alimentares etc. Pensar a cultura, nesse sentido, implica entrelaçar-se a esta gama de elementos que a constituem, considerando-a não como um bloco homogêneo, estável, pois “[...] às vezes fala-se de cultura como se fosse um produto, uma coisa com começo, meio e fim, com características definidas e um ponto final” (SANTOS, 2012, p. 48). Nós, ao contrário, estamos compreendendo-a



enquanto um lugar de produção de sentidos, como lugar que abarca a falha, o equívoco, que vai sendo construído a partir do movimento dos sujeitos na história, em sociedade.

É desse lugar que buscamos conceber a cultura, mediante sua dinamicidade, que constantemente passa por uma atualização, dado seu caráter heterogêneo. Trazendo essa discussão para nosso tema central nesta pesquisa – a migração –, a partir do deslocamento do sujeito entre um lugar e outro, é possível dizer que a cultura atua aí em constante movimento, afinal, assim como compreende De Nardi (2007, p. 53), “A cultura tem [...] uma dimensão político-histórico-social que lhe garante a possibilidade de ser dinâmica e crítica, de propor rupturas, de produzir outros dizeres [...]”.

Pensando nisso, é possível dizer que o sujeito que migra, nesse caso, encontra-se em contato com diferentes culturas e só por isso já não é mais o mesmo. Quer dizer: sua identidade é (re)construída a partir dos elementos que estão à sua volta, que o fazem ser quem ele é, pensar como pensa, a partir das posições e do lugar que ocupa no mundo. Assim, nada é fixo, mas está em constante transformação, a partir das relações que se estabelecem no meio social, cultural, ideológico.

Sob a ótica da AD, é a partir de nosso lugar social, quer dizer, nosso lugar no mundo, que vamos assumir um lugar discursivo. Isto, porque “[...] ao se identificar com determinados saberes, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva e passa a ocupar, não mais o lugar de sujeito empírico, mas sim o de sujeito do discurso” (GRIGOLETTO, 2007, p. 4). Em outras palavras, a identificação a uma rede de sentidos conduz o sujeito a ocupar um lugar no discurso, o que “[...] significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso” (GRIGOLETTO, 2007, p. 6).

Nesse atravessamento, portanto, entre lugar social e lugar discursivo, temos um migrante que, afetado pelo inconsciente e pela ideologia, passa a ocupar um espaço discursivo, a partir das posições que assume no interior de FDs. Ou seja, o migrante, ao se deslocar para um lugar outro, está à mercê de outras vivências, experiências, o que põe em suspenso seu lugar social primeiro e na medida em que ele se insere noutra cultura, tal lugar vai sendo redesenhado e, nesse meio, ele vai assumindo posições e ocupando um lugar no discurso. “Trata-se de um lugar discursivo que se materializa no discurso e é determinado pelo lugar social” (GRIGOLETTO, 2007, p. 4). Nessa perspectiva,

Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso. (GRIGOLETTO, 2007, p. 6-7).

Ambos, lugar social e lugar discursivo, estão, portanto, imbricados e um depende do outro para existir. Pensando nessa relação que estabelecem na/para constituição do sujeito, trazemos agora os questionamentos realizados ao ganês que selecionamos para a entrevista, de modo que seja possível analisarmos as determinações sociais, culturais e ideológicas que entram em jogo nesse novo espaço em que agora vive.

Para este artigo, vamos recortar a fala de Ali Yahaya, que está na condição de imigrante no Brasil há três anos. A partir dos questionamentos feitos a ele, que abrangem principalmente as razões pelas quais migrou, as diferenças e semelhanças em relação ao país de origem, selecionamos, então, duas respostas que pudessem fomentar nossa discussão, a partir do lugar discursivo que tem assumido nessa mudança de lugar social.

Com embasamento nas respostas, então, buscaremos analisar nosso objeto à luz de algumas noções teóricas da Análise do Discurso: falha, metáfora, historicidade, sentido, formação imaginária etc., assim como também por um viés antropológico, trazendo para discussão as noções de cultura e identidade.

Importante dizer que vamos trabalhar nosso corpus de pesquisa por meio de *Sequências Discursivas de Referência* (COURTINE, 2009). Para dar início à nossa análise, trazemos a SDr a seguir, mobilizando a noção de sentido, a fim de verificarmos de que modo este se constitui nas palavras do sujeito imigrante.

SDr 1: Actually I migrated to Brazil to seek a **greener pasture** and so it's basically for economic reasons¹² (grifo nosso).

Neste funcionamento, o sujeito põe em jogo sentidos que trabalham na língua a partir de relações de metáfora. Em AD, a língua não preexiste ao processo discursivo, pois é pelo funcionamento da língua que se torna possível a produção de sentido. E

¹² Na verdade, eu migrei para o Brasil para procurar uma grama mais verde e então foi basicamente por razões econômicas.



como o sentido é determinado historicamente, vamos buscar, pela via da historicidade, as marcas da construção dos sentidos na SDr que elencamos, percebendo aí o atravessamento da história nesse processo. Além disso, também mobilizaremos a noção de falha, para verificar que sentido é esse que trabalha na língua as possibilidades outras de dizer.

❖ Grama verde / Economia

O imigrante, ao falar das causas que o fizeram vir para o Brasil, menciona que foi para *procurar uma grama mais verde*, referindo-se à situação econômica de seu país. Há, nesse funcionamento, um deslocamento de sentido, que faz recuar o imaginário de economia ao instalar, na língua, um novo modo de significar.

A partir desse espaço, a metáfora não é pensada como a substituição de uma palavra por outra, ou seja, não é a língua pela língua, mas o que ela convoca: a história, o social, o ideológico, que ressoam aí outros efeitos. A metáfora, assim, faz materializar que os sentidos podem sempre ser outros, uma vez que são determinados ideologicamente e historicamente e, por isso, deslizam e significam de maneiras distintas.

A alusão ao ditado popular *A grama do vizinho é sempre mais verde* faz trabalhar, no discurso do imigrante, uma retomada a determinados dizeres, que, por sua vez, não são mais do mesmo, ou seja, já não se apresentam como da ordem do repetir, na medida em que fazem ecoar outras possibilidades de significação. A língua falha, e pela falha o sentido se move, desliza, irrompe, arrebenta, arroja-se. A falha faz ressoar outros dizeres possíveis, permitindo ao enunciado tornar-se outro, e isso denuncia a não evidência do sujeito, que é atingido, em seu não domínio sobre o que diz, pela falha da/na língua.

É pela falha que a língua faz sentido e que o indivíduo se torna sujeito. A língua, ao falhar, revela um sujeito que falha. O sujeito falha na língua pela falha da língua. É, pois, pela falha que ocorre a movência dos sentidos, que se dá a constituição do sujeito, haja vista que seu efeito provoca desorganiza/desestrutura as fileiras de sentido, possibilitando aí a inscrição de diferentes dizeres perante um mesmo objeto, ou melhor, neste caso, a um mesmo ditado popular.

Essa possibilidade de deriva dos sentidos, instaurada pela falha na língua, pode ser pensada a partir da historicidade, compreendida como a relação constitutiva entre linguagem e história. Entendemos que a língua, para a AD, se constitui em torno de uma materialidade histórica e, porque pela historicidade é atingida, é que não se pode pensar em língua perfeita, daí o mecanismo de falha. Assim, confirmamos a influência da história na construção dos sentidos e do funcionamento da língua.

No ditado popular em questão, que basicamente faz referência às pessoas que consideram que a vida dos outros é sempre melhor, entendemos que funciona aí um dizer que, devido ao caráter histórico da língua, constituído pela falha, difere do dizer do sujeito imigrante. Isso, porque quando ele diz, o faz em outras condições de produção – “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2001, p. 30) –, ou seja, o contexto sócio histórico é outro, pois aqui esse sujeito fala a partir do caos econômico de seu lugar de origem, das dificuldades enfrentadas em seu país, da vida que levava e da oportunidade de mudá-la no Brasil. Nessa perspectiva, Bauman afirma que:

O fluxo de refugiados impulsionados pelo regime de violência arbitrária a abandonar suas casas e propriedades consideradas preciosas, de pessoas buscando abrigo nos campos de matança, acrescentou-se ao fluxo constante dos chamados “migrantes econômicos”, estimulados pelo **desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde: de terras empobrecidas, sem perspectiva alguma, para lugares de sonho, ricos em oportunidades.** (2017, p. 12) (grifo nosso).

Partindo desse pressuposto, verificamos que o sentido primeiro do ditado popular se desloca na fala do sujeito imigrante, visto que, nessas condições de produção, frente a uma vasta crise econômica, seu dizer faz trabalhar outros modos de significar. Em outras palavras: *A grama do vizinho é sempre mais verde* nos faz pensar que o outro está sempre um passo a nossa frente, que tem as melhores coisas, sua vida é mais fácil, é mais feliz; já o sujeito imigrante não fala desse mesmo lugar, pois almeja, como vimos em Zygmunt Bauman, um lugar de sonho que dê a ele melhores oportunidades. Embora não se esteja satisfeito, tanto em um quanto em outro, no caso do imigrante, ele fala de um lugar onde as *terras empobrecidas* e o *solo estéril* não lhe permitem ascender economicamente.



A fala do imigrante não trata, pois, de demonstrar qualquer sentimento de desgosto pelo bem alheio, mas de buscar, assim como tantas pessoas, uma *grama verde*, onde seja possível trabalhar, sustentar sua família, criar seus filhos, sobreviver. Vale pensar, no entanto, quais efeitos de sentido vêm à tona a partir desse verde, o que a cor representa aqui: vigor, esperança, liberdade, saúde, humanidade, força, vitalidade, equilíbrio, plenitude, crescimento, renovação, fertilidade, sustentabilidade.

Nesse entendimento, o sujeito imigrante recupera de algum lugar esse dizer – *greener pasture* – e o atualiza, na medida em que o inscreve num outro lugar, produzindo novos movimentos de sentido, pois “[...] o fazer sentido não ocorre fora da historicidade que marca a relação do homem com a linguagem” (GRIGOLETTO, 2011, p. 80), isto é, o sentido se dá em dadas condições de produção, movido pela falha e atravessado pela historicidade da língua.

Nesse processo, o caráter histórico inerente à linguagem se constitui num tripé para a produção dos sentidos. Assim, para Orlandi (2004, p. 22) “[...] os processos de produção de sentido [...] são afetados pela possibilidade de um ‘outro’ sentido sempre possível e que constitui o ‘mesmo’. Dito de outra forma: o mesmo já é produção da historicidade, já é parte do efeito metafórico”. Nesse entendimento, há sempre um outro sentido que é produzido, que se estabelece a partir da relação entre língua e história. Nessa direção, Orlandi compreende que:

Pensando o caráter material e histórico – do materialismo histórico, em nossa perspectiva – podemos dizer que o caráter material está em que os homens se organizam na sociedade para produção e reprodução da vida. E o caráter histórico está em como se organizam através da história. (ORLANDI, 2003, p. 63).

A materialidade histórica trabalha no sujeito a possibilidade da construção de sentidos outros. Daí que a autora salienta que “o mundo não é um complexo de coisas acabadas mas processos estando em constante movimento” (2003, p. 63), o que quer dizer, assim como afirma Baldini (2013, p. 194), que o homem não é uma unidade pronta, mas um indivíduo que, interpelado pela história, se subjetiva, isto é, se torna sujeito, pois, conforme o autor, “[...] a subjetividade é exatamente esse processo constante e histórico de constituir indivíduos em sujeitos” (2013, p. 194).



Essa constituição do sujeito, portanto, está atrelada ao fazer sentido na língua, nessa relação intrínseca que estabelece com a história, a partir dos laços sociais, culturais que, como vimos, o sujeito que migra vai estabelecendo num lugar social. O sentido é da ordem da repetição, da falha, do impossível.

Na fala, a repetição se esburaca, uma vez que a palavra repetida escapa à regularidade do sentido, rompendo com a organização da língua. Por isso, na fala, conforme nos aponta Abrahão Sousa (2014, p. 112), em seu texto *A arte de (não) repetir: é de singularidade que se trata*, a língua é pura arte. Isto, porque sempre que se diz, embora seja o mesmo, ao repetir-se já se torna o outro. A língua move-se, num movimento de resgate e de abertura a novos sentidos.

Dessa maneira, entendemos que na fala, da mesma maneira como postulam Abrahão Sousa (2014, p. 112), “Na impossibilidade de repetir sempre do mesmo modo, o sistema da língua derrapa, escorrega [...]”, visto que algo pode falhar e, além disso, o sujeito que enuncia o faz de uma posição, de um lugar, e isso trabalha no nível da singularidade, da arte que (não) se repete.

A repetição desloca o dizer de modo que o mesmo já é diferente. Ou seja, a palavra e o sentido já não são os mesmos, houve deslizamento, ruptura, e a significação é outra. Isso pode ser ilustrado, por exemplo, a partir do enunciado *On a gagné*, discutido por Pêcheux (2006) em *Discurso: estrutura ou acontecimento*, em que o *On a gagné* das torcidas nos jogos não é o mesmo das ruas, da língua política. O grito já não é o mesmo, e a repetição já não é da ordem da repetição; o dizer é outro, o sentido desliza e se esburaca, provocando fissura na língua. A inscrição do mesmo se faz de maneira diferente e faz brotar outros sentidos no fio do discurso, como o fez quando o ditado popular, aqui, assumiu outras maneiras de dizer.

SDr 2: I came to Brazil because I heard that the grass is greener here in Brazil. Even if the grass may not be too greener, I take consolation from the hospitable people of Brazil¹³.

Assim, quando o sujeito imigrante afirma que *a grama do Brasil é mais verde*, ele atualiza um dizer anterior, na medida em que faz significá-lo de uma nova maneira.

¹³ Eu vim para o Brasil porque eu ouvi dizer que a grama aqui no Brasil é mais verde. E mesmo que a grama não seja tão verde, eu tenho o apoio de brasileiros hospitaleiros.



Esse processo resulta de uma relação que, para Pêcheux, não são de duas coisas diferentes, pois, conforme o autor, “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora” (1988, p. 363). Essas são, portanto, duas noções que estão imbricadas e se implicam na/pela língua.

Essa atualização do dizer faz pensar que o sentido está sempre à deriva, à mercê de outras possibilidades de significar. Quando o sujeito imigrante retoma sua fala, dizendo que *ouvi[u] dizer que a grama aqui no Brasil é mais verde. E mesmo que a grama não seja tão verde [...]*, ele já põe em suspenso novamente o sentido, uma vez que antes ele diz vir para cá em busca de uma grama mais verde, e agora já afirma que mesmo esta não sendo tão verde assim, ele continuará por aqui devido à acolhida das pessoas.

Essa questão traz à tona o imaginário que se tem do Brasil, um país capaz de proporcionar ao imigrante melhores condições de vida. É este, portanto, o jogo das formações imaginárias que nos fazem pensar *o que é estar no Brasil, como é viver aqui, o que o país pode oferecer a quem chega*.

Orlandi (2006) explica, com base nos estudos de Pêcheux (1969), que as formações imaginárias “presidem todo discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso” (2006, p. 15).

Nessa perspectiva, o sujeito enuncia a partir da imagem que faz de si e da imagem que projeta do outro. As formações imaginárias, nesse sentido, são mecanismos de antecipação, atravessadas pelo já-dito, e nelas o sujeito retoma discursos anteriores e assume posições, filiando-se a formações discursivas. Pelo mecanismo de antecipação, os sentidos vão sendo construídos pelo sujeito, a partir de sua filiação/identificação a esses saberes.

As formações imaginárias fazem trabalhar, recuperando a fala de Orlandi (2006), imagens que, nesse caso, têm a ver com a forma pela qual o sujeito imigrante vê o Brasil, o modo pelo qual nosso país é visto lá fora, sua cultura, seu *status* social. Ele, no entanto, ao chegar a Tubarão, seu local de destino, se depara com a cidade, assim como o país, em crise e com dificuldades semelhantes às que enfrentava em Gana, principalmente no que diz respeito à conquista de um emprego. E por isso afirma que a



grama não é tão verde assim, ou seja, a cidade, o país não têm oferecido a ele as chances que idealizava ter ao vir para cá.

Todo esse processo, que se dá num batimento entre diferentes culturas, entre semelhanças e diferenças, vai constituindo o sujeito que migra, lapidando-o nesse lugar social em que se encontra, fazendo-o tomar posições no discurso. Isso implica dizer que embora as dificuldades de lá e de cá sejam muito próximas, ele já não está no mesmo lugar social, e isso, por si só, já contribui para que não seja mais o mesmo. O contato com a cultura brasileira, nesse caso, incide nesse processo de (re)construção identitária, interpelando o sujeito migrante, e nesse embate ele ressignifica o imaginário do Brasil, que antes lhe parecia ter *uma grama mais verde*, e agora esta não se apresenta *tão verde assim*. Há uma mexida nos sentidos, provocada pela mudança de lugar social, e pela vivência que agora tem noutra cultura.

4. Considerações Finais

A partir de alguns elementos presentes no discurso do migrante entrevistado, que põem em conflito diferentes culturas, a cultura do Brasil e a cultura do outro, tecemos uma análise no intuito de verificarmos aí de que modo esse sujeito, que se encontra entre culturas, vai passando por transformações identitárias nesse novo lugar.

Percebemos, com isso, que a cultura incide sobre a realidade do sujeito, e por ser dinâmica, heterogênea, não fixa, é que torna possível essa visita ao espaço do outro, corroborando em processos identificatórios, e discursivos, nos quais o sujeito, inserido nessa amálgama cultural, se modifica, se ressignifica.

Assim, ao falar da economia, esse sujeito busca, em seu país, uma referência em relação a esse tema, a qual vem pela memória, a partir das filiações ideológicas que o constituem. E, num novo lugar, o Brasil, nesse caso, o sujeito coteja diferentes realidades sociais, políticas, históricas, culturais, econômicas, assumindo posições, na medida em que ele atribui sentido a esse lugar. A realidade econômica do Brasil, nesse caso, mostrou-se, para ele, tal qual a de Gana, mas são esses sentidos em circulação em diferentes lugares sociais que o modificam. Quer dizer: antes ele pensava que o Brasil poderia lhe trazer trabalho, dinheiro, futuro; agora, no entanto, já aqui, percebe que as

condições de produção são outras, e que o país pode não oferecê-lo o que tanto esperava.

Desta forma, compreendemos que o sujeito imigrante, em contato com essa nova realidade, não é sólido, invariável, mas transitório, pois está imerso em outra cultura, e só por isso já é atravessado por outros elementos discursivos. Tais elementos implicam seu reestabelecimento identitário, à semelhança de um iô-iô, que possui um eixo central e é preso por uma corda, o que nos convida a pensar que o imigrante também têm seu próprio eixo ideológico e, de certa forma, encontra-se atrelado às cordas e aos nós culturais de seu lugar de origem, mas num impulso, como no brinquedo, que se enrola e desenrola, ele vai se constituindo, num ir e vir, num batimento *entre-lugares, entre-culturas*.

Nessa direção, estamos entendendo esse processo a partir do que nos apresenta Ramos (2017, p. 126), quando afirma que “O estrangeiro está simultaneamente dentro e fora, está num entre-lugar – ao mesmo tempo em que deseja partilhar a identidade e ser bem recebido no espaço da nação na qual se encontra, ele tem um pedaço de si alhures”, o que significa que algo nele ressoa de outro lugar, de outra parte, do local de onde veio, do eixo central do iô-iô.

Ainda, conforme pontua a autora, “Assim, o que acontece é que estes sujeitos se colocam num entre-culturas, onde não se sentem parte do lugar onde estão, mas desejam estar ali pelo fato de ser um país considerado desenvolvido, que se diz oferecer melhores condições de vida” (RAMOS, 2017, p. 173), e por isso arriscam-se em busca de *uma grama mais verde*.

Dessa forma, o sujeito imigrante se diz nesse limbo, no qual recupera suas vivências em seu lugar de origem na medida em que se identifica também com o lugar onde está agora, numa visita, num constante regresso ao seu lugar primeiro e num percurso de identificação que passa a estabelecer em seu novo lugar. Trazendo, então, a metáfora do iô-iô para esse processo, finalizamos afirmando que o movimento de rotação do brinquedo explica o que estamos tratando aqui, pois é o ato de circundar, circular que permite ao sujeito, nesse caso, estar sempre em curso, ‘enrolando-se e desenrolando-se’ a partir do lugar que vai assumindo discursivamente aqui, lá, acolá.



Referências

ABRAHÃO SOUSA, Lucília Maria . **A arte de (não) repetir: é de singularidade que se trata.** In: Dantielli A. Garcia, Lucília Maria Abrahão e Sousa et al. (Org.). *Ressonâncias de Pêcheux em nós.* 2014, p. 111-121.

BALDINI, Lauro José Siqueira. **Sujeito e subjetividade: psicanálise e análise do discurso.** In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Org.). *Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise.* Santa Maria: Editora da Ufsm, 2013. p. 191-201.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos.** São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira** [tese de doutorado]. Porto Alegre, 2007.

GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar discursivo: O imbrincamento de diferentes posições-sujeito.** In Freda Indursky & Maria Cristina L. Ferreira (Eds.), **Análise do discurso no Brasil: Mapeando conceitos, confrontando limites.** São Carlos: Claraluz, 2007, p. 123- 134.

GRIGOLETTO, Marisa. **Seções de Leitura no Livro Didático de Língua Estrangeira: Lugar de Interpretação?** In: CORACINI, Maria José. **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático.** Campinas, SP: Pontes, 2011. P. 79-92.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **A leitura e os leitores.** Campinas, SP: Pontes, 2003, 2ª edição.

_____. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 4ª edição.

_____. Introdução. In: Lagazzi-Rodrigues, S.; Puccineli Orlandi, E.P. (orgs). **Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade.** Campinas, SP: Pontes Editores, Campinas, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1988 (2009).

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.



RAMOS, Tháís Valim. **O sujeito entre culturas: o espaço da diferença no encontro com o outro/Outro** [tese de doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina. **Projeto Acolhida ao Migrante: Inserção Social e Diversidade Cultural**. Unisul, 2016. Disponível em: <<http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/700aab92-109f-4bee-a8c7-38a4868cab4c/projeto-acolhida-ao-migrante-extensao-2016-tb.pdf?MOD=AJPERES>>. Acesso em: 13 de mar. 2018.

Submetido em: 30/11/2017. Aprovado em: 04/05/2018.